



*Quem luta
também educa*

Projeto Nacional de Qualificação Profissional - CUT Brasil
Programa Integração

Módulo 9:

**Gestão & Alternativa
de Trabalho e Renda**

ENSINO MÉDIO

**CADERNO DE
ORIENTAÇÃO
METODOLÓGICA**

**QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL, ENSINO
MÉDIO E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO**

2000

SUMÁRIO

Ensino Médio

Módulo 9 - Área Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda

Objetivos Gerais.....	1
Objetivos Específicos.....	1
Temas.....	2
Fichas propostas para o módulo.....	2
Abordagem I.....	3
Abordagem II.....	20
Abordagem III.....	35

Subsídios para os Educadores

ÁREA GESTÃO & ALTERNATIVAS DE TRABALHO E RENDA

ENSINO MÉDIO: MÓDULO 9

Objetivos Gerais:

- Aprofundar as discussões sobre o papel do Estado;
- Problematizar sobre o modelo de desenvolvimento e a desigualdade social;
- Debater sobre a intervenção do homem na natureza e suas conseqüências;
- Realizar a discussão sobre o mercado de trabalho na atual conjuntura e os impactos para os trabalhadores, enfocando as questões raciais e de gênero;
- Debater sobre as transformações no mundo do trabalho e a questão da qualificação profissional;
- Problematizar a questão do trabalho infantil;
- Debater sobre as alternativas de trabalho e renda.

Objetivos Específicos:

Possibilitar junto aos educandos:

- O levantamento de dados relativos às transformações dos processos produtivos e nas relações de trabalho que estão ocorrendo em cada ramo produtivo;
- A problematização do discurso da polivalência e flexibilidade como elementos centrais da nova qualificação profissional do trabalhador;
- O debate sobre as políticas públicas a partir da abordagem sobre as medidas governamentais observadas em diferentes países: Brasil e Espanha
- O estudo de estilos literários;
- O estudo da língua espanhola: normas da língua, leitura e pronúncia.

Temas:

- Transformações no mundo do trabalho
- Alternativas de Trabalho e Renda
- Desenvolvimento Sustentável e Solidário
- Meio Ambiente e Relações Sociais
- Estado e Políticas Públicas
- Mercado de Trabalho
- Organização dos Trabalhadores
- Modelo de desenvolvimento X desigualdade social;
- Construção da consciência social;
- Participação como processo educativo;
- Educação como processo permanente.

FICHAS PROPOSTAS PARA O MÓDULO:

Ficha 1: Imagens

Ficha 2: *Homem Comum*, de Ferreira Gullar e Trecho: *Grande Sertão; Veredas*, de João Guimarães Rosa

Ficha 3: *O Germinal*, de Émile Zola

Ficha 4: *A educação para a participação*, de Juan E. Diaz Bordenave

Ficha 5: *Corpo e Alma*, Léa Araújo de Souza, educanda da Contracs-SP.

Ficha 6: "*Minha Raça*", de José Martí

Ficha 7: *O Homem: Animal Político*, de Dalmo de Abreu Dallari

Ficha 8: *A conselheira do príncipe*, de Demétrio Magnoli

Ficha 9: *Polivalência: do mito...para a realidade*, de Emílio Gennari

Ficha 10: *O Homem Novo*, de Ernesto Guevara de La Serna

Ficha 11: Textos para discussão sobre Trabalho Infantil.

Ficha 12: *Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero*, de Clara Araújo

Ficha 13: *El supuesto de 2002 no permitirá encarar una crisis, según las centrales*, artigo Jornal El País

Ficha 14: *El terrorismo y la cuestión social*, artigo Jornal Clarin

Ficha 15: *América La (Tinha)*, de Dimas Cirilo Junior, educando da Fittel-MG

ABORDAGEM I

Temas:

- Condições de Trabalho;
- Organização dos Trabalhadores;
- Transformações no mundo do trabalho;
- Mercado de Trabalho: questões de gênero e raça;
- Trabalho infantil;
- Qualificação Profissional;

Materiais utilizados:

Ficha 9: *Polivalência: do mito...para a realidade*, de Emílio Gennari

Ficha 6: *"Minha Raça"*, de José Martí e dados sobre mercado de trabalho

Ficha 11: Textos para discussão sobre Trabalho Infantil.

Ficha 12: *Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero*, de Clara Araújo e dados sobre mercado de trabalho

Ficha 13: *El supuesto de 2002 no permitirá encarar una crisis, según las centrales*, Jornal El País.

O conjunto de fichas proposto para esta abordagem permite retomar as discussões já realizadas em módulos anteriores sobre os modos de produção constituído historicamente, especificamente o *modo de produção capitalista* e as reais *condições de trabalho*, os *processos de exploração e exclusão social* da classe trabalhadora em diversos períodos da história.

O aprofundamento destes temas é fundamental para analisarmos criticamente os discursos em torno de um novo perfil do trabalhador no atual paradigma produtivo, que coloca a polivalência, a flexibilidade como elementos-chaves para uma qualificação profissional adequada aos requisitos da produtividade.

Este discurso está presente no nosso cotidiano e merece uma discussão mais profunda sobre as origens e os interesses que tais discursos representam.

Visam consolidar uma perspectiva individualista incentivando a competição entre os trabalhadores em meio a situação de crescente quadro de desemprego e precarização das condições de trabalho, responsabilizando cada trabalhador para a sua inserção no mercado de trabalho "cada vez mais competitivo", onde cada um deve cuidar de sua qualificação profissional, despolitizando o debate e escamoteando as reais causas do desemprego, conseqüências perversas do atual modelo de desenvolvimento.

A importância que assume este debate na área que estamos estudando: Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda é enorme, considerando que para desmistificarmos os discursos que "explicam a realidade" segundo a ótica do capital, necessitamos aprofundar as discussões em torno de uma perspectiva de desenvolvimento que interesse aos trabalhadores.

Desenvolvimento I

Tomando a **Ficha 9** será possível perceber que o tema não é estranho para a maioria dos educandos, já que foi abordado em módulos anteriores.

O desenvolvimento da ficha poderá começar pela análise das imagens procurando estabelecer uma relação com o título do texto. Reparar que as imagens remetem a figuras construídas para admiração. A primeira delas pode simbolizar o culto à tecnologia, já que aparenta ser um misto de animal e máquina. Depois de manipular a natureza inorgânica, a humanidade ensaia o domínio da natureza orgânica através da engenharia genética, biotecnologia, criação de produtos transgênicos, clonagem e outras áreas novas das ciências.

Enquanto vivemos a realidade do século XXI, continuamos a ser tentados pelos mitos. Um dos mitos mais tentadores é o de que a evolução tecnológica vai facilitar as nossas vidas. Como podemos depreender através da observação da nossa vida cotidiana, tal tese não se materializou para a maioria da população. Os avanços tecnológicos têm serviço majoritariamente para, cada vez mais, subordinar as pessoas ao processo de produção.

Uma atividade interessante seria perguntar para os educandos quais eram os meios de transportes existentes há 50 ou 60 anos e, quais os que existem agora. Feita uma relação dos meios de transportes mais tradicionais e outra dos mais modernos, avaliar qual o meio que mais usamos hoje. Será possível avaliar o quanto nos beneficiamos, ou não do desenvolvimento tecnológico no setor de transportes.

Prosseguindo o estudo da ficha, podemos observar que o autor aborda sobre as promessas da reestruturação produtiva que viria a reintegrar as múltiplas dimensões do trabalho. Uma leitura atenta mostra que o capitalismo apropriou-se do discurso que criticava a divisão de tarefas por fragmentar o processo de produção e alienar o trabalhador do produto do seu trabalho.

Nesse ponto é oportuno salientar que a alienação não é fruto apenas da perda do controle de todas as fases da produção, até porque se isso ocorre no nível do sujeito individual, não precisaria ocorrer no nível do sujeito coletivo, a classe.

Acontece que com a perda do controle no nível individual dos meios de produção e dos processos de produção, perde-se também o controle sobre o produto final. O controle dos meios, dos processos e do produto final tornam-se alienados, isto é passam a ser feito por critérios estabelecidos por agentes externos à produção, os capitalistas.

Com a aparência de atender às necessidades do trabalhador que sofria por exercer uma função repetitiva, o discurso da modernização propõe que o trabalhador precisa se qualificar para se tornar polivalente, mas o que de fato é exigido do trabalhador é que ele exerça várias funções repetitivas.

No texto, é extensamente discutida a prática da flexibilização das tarefas dos trabalhadores como método de submeter o trabalho ao capital. Para entendermos quantitativamente como isto pode ocorrer, vamos estudar um modelo matemático simples que nos permite relativizar algumas componentes

do processo produtivo. Assim, como primeiro modelo, vamos considerar que o *valor* de um bem material produzido seja composto pelos seguintes itens:

- a) capital constante, chamado de C
- b) capital variável, chamado de V
- c) acréscimo de valor, chamado de A.

A parcela do capital que se destina à construção de fábricas, compra de máquinas e equipamentos, matérias-primas, energia, etc. recebe o nome de *capital constante* (C). Dizemos que é constante pois não cria valores, apenas transfere parte de seu valor ao produto final. Em resumo, podemos dizer que:

A parcela (C) incorporada ao produto final é igual ao valor dos insumos transferidos a este produto no processo produtivo mais a depreciação de máquinas e equipamentos.

A parcela que se destina à mão-de-obra, também usualmente denominada de força de trabalho é chamada de *capital variável* (V), e refere-se aos salários e gastos diretamente ligados a este item. Finalmente, temos a última parcela que se refere ao acréscimo de valor (A), o qual é criado pelos próprios trabalhadores, denominado na teoria como *mais valia*.

Como exemplo, vamos considerar que o valor da força de trabalho de um operário é igual ao tempo que ele gasta para produção de uma certa quantidade de bens relativa ao seu sustento. Este tempo pode cobrir apenas uma parte da jornada total de trabalho. Assim, se imaginarmos que tal jornada seja de oito horas diárias, e que com cinco horas, o trabalhador já tenha produzido esta quantidade de bens necessária ao seu sustento. Portanto, as outras três horas restantes são consideradas como trabalho excedente, e tal valor vai diretamente para o capitalista.

5 horas | 3 horas
trabalho necessário | trabalho excedente

O valor final do bem produzido pode, então, ser escrito como:

$$\text{Valor} = C + V + A$$

Como é citado por M. Desai, em "Economia Marxista" (Ed. Zahar, 1984, p. 41):

"O processo de produção no capitalismo é uma forma de apropriação do trabalho não pago ou excedente. O capitalista compra a força de trabalho como uma mercadoria, bem como materiais de produção, e, devido a essa compra, durante a jornada de trabalho, o trabalhador está à sua disposição. Assim, a produtividade do trabalho surge como produtividade do capital. Isso legitima a apropriação capitalista do lucro. Aparentemente, todos os elementos do capital produtivo contribuíram para a produção do lucro."

Matematicamente, podemos estudar o valor total de um produto com a ajuda de uma função linear, cuja representação gráfica é uma *reta*. Para o caso geral do valor total do bem produzido, podemos fazer a seguinte representação:

Y – valor total

X - capital variável somado com o acréscimo de valor (mais valia).

B – capital constante

Forma geral: $Y = a X + B$

Nesta teoria, o *lucro* é definido pela razão entre a mais valia (A) dividida pela soma do valor constante e o valor variável, ou seja:

$$\text{Lucro} = \frac{A}{C + V}$$

Não é difícil verificar com a ajuda de uma calculadora que se os salários (V) diminuem, o lucro aumentará, pois estas quantidades são inversamente proporcionais. Veja o exemplo na tabela abaixo:

Os sindicalistas se *"inquietan"* com o uso desses termos suaves: *"racionalizar y consolidar"*, pois sabem o quanto é comum o uso de belas palavras, ou expressões, para significar, na verdade, retirada de direitos dos trabalhadores.

Os sindicalistas mostram que não estão na defensiva pois se opõem a *"cualquier intento de recortar prestaciones"*, ou seja qualquer tentativa de cortar prestação de benefícios e pedem que os benefícios sejam é aumentados, para atender os que estão desempregados há muito tempo.

O uso de expressões de conotação positiva, mas que na verdade designam perda de direitos, aparece em outro momento do texto: *"adaptar la protección a los desempleados "a las necesidades de la nueva sociedad"*. Ora, quem pode ser contra a proposta de adaptar a proteção aos desempregados às necessidades da nova sociedade. Porém, mais uma vez, o que está por trás dessa bela frase é redução dos direitos dos trabalhadores.

(II) A seguir podemos tentar ler a ficha em espanhol, tomando os cuidados com a fonética para não ler como se estivesse escrito em português. Caso haja alguma dúvida quanto à pronúncia recorrer aos módulos anteriores ou ao desenvolvimento da **ficha 14** neste módulo.

Tradução da **ficha 13**

O orçamento de 2002 não permitirá enfrentar uma crise, segundo as centrais sindicais

A proposta de Orçamento Geral do Estado para 2002, que está sendo preparada pelo governo, não convence os sindicatos. Os líderes da CC OO e da UGT, José Maria Fidalgo e Cándido Mendez, declararam ontem que o cenário de déficit zero não permitirá enfrentar uma crise econômica e, menos ainda, uma recessão.

Eles defendem uma política econômica menos restritiva, que favoreça uma maior criação de empregos e que, como estão fazendo outros países europeus, sirva para evitar a recessão se forem agravadas as conseqüência econômicas dos ataques terroristas aos Estados Unidos.

Da mesma maneira, as centrais sindicais criticaram a intenção do Governo de conseguir o equilíbrio do orçamento à custa de um superávit nas contribuições

que mantém a Seguridade Social e o Instituto Nacional de Emprego (Inem). No que se refere a esse superávit do Inem, os ministros da Fazenda e do Trabalho, Cristóbal Montoro e Juan Carlos Aparício, comunicaram ontem aos dirigentes sindicais a decisão do Executivo de "racionalizar e consolidar" o sistema de proteção ao desemprego. Esses termos "inquietam" os sindicalistas que alertam o Executivo que vão opor-se a "qualquer tentativa de cortar benefícios"

Por outro lado, pedem uma melhoria para atender aos coletivos mais desfavorecidos, pelo menos 200.000 desempregados há muito tempo e que têm encargos familiares.

Aparício explicou, ao sair da reunião, que o Governo nunca falou em cortar o seguro desemprego, mas apenas em adaptar a proteção aos desempregados "às necessidades da nova sociedade" e "estimular àqueles que demonstrem mais interesse em procurar emprego". Também sugeriu que "se evitará as grosserias" da reforma de 1994, aplicada pelo governo socialista, que propôs uma redução de três para dois anos no prazo máximo de direito ao seguro e a necessidade de se haver contribuído por pelo menos um ano, em vez de seis meses, para ter direito ao seguro.

Desenvolvimento III

Para tratar da temática relacionada às questões raciais e de gênero, podemos utilizar a **Ficha 6**: "Minha Raça", de José Martí e dados sobre mercado de trabalho e **Ficha 12**: Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero, de Clara Araújo e dados sobre mercado de trabalho.

Iniciando o estudo das fichas:

A **ficha 12** trata da questão de gênero. Coloca o feminino e o masculino como produção histórica, isto é fruto "das relações que homens e mulheres estabelecem com vistas à *produção e reprodução* de suas vidas".

Propomos que após a leitura da ficha seja feita uma análise das imagens procurando estabelecer uma relação com o tema.

A autora propõe que analisemos o feminismo a partir do enfoque histórico e material, isto é, que abandonemos nossas superstições e preconceitos e

Capital constante (C)	Acréscimo de valor (A)	Capital variável (A) (Salários)	Lucro
10	100	90	1,00
10	100	70	1,25
10	100	50	1,67
10	100	30	2,50

Seria importante o educador salientar que a teoria geral que orienta a economia é mais complexa, porém podemos começar a entender os mecanismos que associam a massa salarial, consumo e lucro a partir de modelos simples como este.

Desenvolvimento II

A **ficha 9** articula-se com a **ficha 13**, entre outros aspectos, porque fica claro que, tanto no Brasil como na Espanha, o pacote de restrição ou eliminação dos direitos trabalhista, veio embrulhado em belas palavras: flexibilização (lembra ouro), polivalência (que vale por muitos), qualificação (tornar ainda melhor), etc. Os espanhóis chamam a redução do direito ao salário desemprego de "estímulo à procura do emprego".

A proposta de **desenvolvimento** para a **ficha 13** é que se faça o caminho inverso ao das abordagens anteriores da língua espanhola, ou seja, ao invés de trabalhar inicialmente os aspectos formais da língua, pode-se focalizar o tema em questão.

(I) Primeiramente vamos ler a tradução da ficha, debater a respeito do seu assunto, verificando em que a situação espanhola é semelhante à brasileira. Só depois é que tentaremos ler o texto em espanhol.

Conforme podemos depreender da leitura da tradução, os sindicalistas espanhóis não estão dispostos a aceitar que o equilíbrio nas contas da previdência seja obtido às custas dos trabalhadores.

A intenção do governo espanhol é por um lado aumentar os descontos referentes à contribuição para a previdência para "*conseguir el equilibrio presupuestario a costa del superávit en cotizaciones*" e, por outro lado, pretende "*racionalizar y consolidar*" (aspas no original) o sistema de proteção ao desemprego.

procuremos entender de que maneira foram se constituindo papéis diferentes para homens e mulheres em diferentes momentos e lugares.

Segundo a autora somente através da compreensão da origem dessas divisões e das relações sociais e contextos que as produziram, é que poderemos entender como a criação do espaço feminino no trabalho capitalista e/ou no espaço doméstico, atende ao interesse do capital. Muito didaticamente a autora vai nos mostrando que as bases econômicas determinam a ideologia que vai disciplinar a inserção da mulher nestes e em outros espaços.

O segundo e o terceiro parágrafos nos ajudam a entender não apenas o feminismo como também todas as práticas e instituições sociais, ou seja, todas as relações de produção, todas as relações de troca, são mais facilmente compreendidas se percebermos qual o interesse que as está determinado. Da mesma maneira os valores morais, as leis e os costumes podem estar a serviço da acumulação de riquezas.

Perceber as reais forças que instituem a divisão do trabalho e a subordinação é o único caminho para perceber que a dominação e a opressão, de qualquer espécie, não são naturais e nem fazem parte da essência humana, são produtos da história, e como a história ainda não acabou podem e estão sendo superadas.

A história nos mostra que o modelo de família que conhecemos não obedece a um padrão universal, as famílias não foram sempre assim e nem são assim em todos os lugares. O que significa que a divisão sexual do trabalho também varia. Não há uma "natureza feminina" ou "natureza masculina" inata, que determine que tipo de trabalho é masculino ou feminino.

"(...) as relações sociais, inclusive as que se desenvolvem entre homens e mulheres, são construídas, reproduzidas e transformadas, (...)".

Antes de iniciar o estudo com a **ficha 6**, é importante que o educador apresente o autor e o contexto histórico.

José Martí:

Nascido em Havana em 1853, o poeta que 100 anos depois animava as lutas anticolonialista, José Martí, proclamou a independência de Cuba, junto com outros companheiros, em 1895, e morreu lutando por ela no mesmo ano.

Preso e levado a julgamento por atacar o quartel Moncada de Santiago de Cuba, em 26 de julho de 1953, Fidel Castro responde aos juizes, que querem conhecer o autor intelectual do ataque: "É José Martí".

O mais importante poeta da Antilhas foi chamado por Rubén Darío, o grande poeta nicaraguense, de "Mestre". Gabriela Mistral, reconhecida como a maior poeta de língua espanhola, referia-se a José Martí como "O homem mais puro". Os escolares da sua terra recitam de memória suas obras. Martí era um engajado intelectual, pregava a luta e lutava contra a opressão e foi preso e torturado.

Martí, que lutava pela independência contra a Espanha, percebeu já na década de 80 do século XIX, "os turvos desígnios norte-americanos em relação à outra América", a nossa América. Martí chamou a Primeira Conferência das Nações Americanas, ocorrida em 1888, e que viria a se tornar a OEA (Organização dos Estados Americanos) de "ministério das colônias ianques".

Martí alertava, há 120 anos, que "Washington pretendia conseguir uma moeda de curso comum tanto nos Estados Unidos como nos países latino-americanos. Mas isso aceleraria a fato de que esses países ficariam quase que exclusivamente vinculados aos Estados Unidos e afastados dos países europeus, cujo relacionamento era proveitoso para nossa América".

Outra característica de Martí foi a de ser um grande descolonizador verbal, pois dizia que a oposição entre países civilizados e barbárie, feita pelos países ricos, buscava esconder a real divisão do mundo: países exploradores e explorados. A colonização verbal continua a disfarçar a divisão do mundo: primeiro e terceiro mundo, países desenvolvidos e em desenvolvimento, lembremo-nos de Martí.

Bibliografia consultada : José Martí. *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983. Introdução de Roberto Fernandez Retamar.

Ao analisar o texto da ficha, podemos destacar o entendimento que o autor faz da palavra "racista" e sua argumentação a respeito do assunto.

Em grupos, os educandos podem realizar um debate sobre seus posicionamentos diante dos argumentos apresentados pelo autor? Quais idéias chamaram a atenção? Como o texto pode contribuir para debater a questão das discriminações étnicas, raciais e de gênero?

Após o debate do texto, o grupo pode verificar a tabela que segue, que apresenta alguns dados referentes ao mercado de trabalho. É interessante relacionar os elementos debatidos pelo grupo e os indicadores apresentados na tabela.

Segundo os dados indicados, é possível realizar quais observações quanto a participação de negros e brancos, homens e mulheres no mercado de trabalho?

Desenvolvimento IV

A **ficha 11** trata do trabalho infantil e informa que 1/6 das crianças brasileiras, menores de 14 anos, são obrigadas a trabalhar. A automação, a reestruturação produtiva e a tecnologia de ponta não eliminaram esse tipo de trabalho.

A discussão sobre níveis de ocupação das crianças no mundo do trabalho, por si só já determina as condições de vida das famílias de trabalhadores brasileiros, que não recebem sequer o suficiente para alimentar suas crianças.

O trabalho infantil num dos países mais ricos do mundo, o Brasil, é mais uma das demonstrações da profunda exploração da população brasileira. Para se construir uma das dez maiores economias do mundo, explora-se até o limite da sobrevivência.

O trabalho infantil em qualquer modalidade é por si só uma aberração, mas os exploradores desse tipo de mão de obra chegam a se vangloriar de pagar R\$25,00 por mês, alegando que o Governo paga só R\$15,00 para as crianças estudarem.

O texto aborda sobre casos graves de trabalho insalubre (carvoarias, garimpos ou lavouras, entre outros). Nesta oportunidade, é importante destacar que as condições de trabalho nestas ocupações podem causar grande mal à

saúde - especialmente para as crianças, causando grandes prejuízos ao seu desenvolvimento - decorrentes do contato com substâncias tóxicas ou a elevadas temperaturas, além da exposição ao ataque de insetos ou outros animais perigosos, como nas colheitas ou na pesca, podendo contrair malária, febre amarela ou mesmo ser picada por uma cobra. Atividades que obrigam a longa permanência em locais úmidos, como o garimpo, podem causar doenças de pele. O quadro a seguir mostra alguns problemas observados em atividades com alto grau de insalubridade.

Atividade	Condições de trabalho	Riscos à Saúde
Lavoura	Trabalho físico pesado. Exposição a agrotóxicos.	Danos às articulações Intoxicação, doenças respiratórias, convulsões, morte.
Garimpo	Exposição ao mercúrio utilizado para separar ouro de impurezas.	Problemas neurológicos, afetando a visão, audição, coordenação motora. Pode causar falência nos rins, coma e morte.
Carvoarias	Exposição à fumaça em ambientes fechados ou mal ventilados.	A presença de monóxido de carbono nesses ambientes pode causar intoxicações graves, levando a problemas cardíacos ou até mesmo a morte. Alguns tipos de madeira podem liberar outras substâncias tóxicas durante a queima.

Uma atividade interessante seria ampliar a tabela acima a partir do levantamento de doenças relacionadas ao trabalho mais recorrentes na localidade/região ou ramo produtivo.

Pode ser incluído na pesquisa a existência ou não de casos de utilização de crianças para o trabalho, especificando:

- Quais atividades que incorporam crianças.
- Quais problemas de saúde esse tipo de ocupação pode causar.

A **ficha 13**, como poderemos ver pela tradução, trata do abandono dos trabalhadores à sua própria sorte. O número de trabalhadores utilizados na produção de riquezas é cada vez menor, ainda que produzam cada vez mais riquezas. E é da pequena parte que cabe aos salários que deve sair, segundo os patrões no governo, o pagamento das aposentadorias e demais benefícios da previdência.

Atividade de síntese:

As **fichas 6, 11, 12 e 13** tratam das formas limites da exploração do trabalho. O desenvolvimento de cada uma destas fichas deve ocorrer de maneira articulada, pois retratam relações sociais – muitas vezes naturalizadas – no modo capitalista de produção. Portanto, não se trata de uma situação exclusiva do Brasil, mas de uma lógica de reprodução e acumulação do capital. Neste sentido, mais do que constatação dessa realidade, é necessário a reflexão coletiva para a superação das condições de opressão e exploração no trabalho. Após os estudos das fichas, os educandos poderiam apresentar um trabalho de síntese, relacionando os assuntos abordados nas diversas fichas, procurando levantar elementos comuns que permitam discorrer sobre o tema: **condições de trabalho na atualidade.**

Desenvolvimento V

As **fichas 9, 10, 11 e 12** trazem inúmeros conceitos de um campo do estudo matemático extremamente importante denominado de *Estatística*. Novamente, mesmo partindo de modelos hipotéticos simples e com forte apelo qualitativo, podemos criar condições de entender alguns conceitos que estão colocados numa linguagem técnica que se apresenta com muita frequência no nosso dia-a-dia. Vamos começar com este pequeno exemplo abaixo.

A tabela abaixo mostra a evolução no consumo de trigo durante no Brasil entre os anos de 1966 e 1983.

Evolução do consumo de trigo		
Ano	Total (1000 t)	Kg/habitante
1966	3000	35,76
1970	3090	33,18
1975	4422	41,27
1980	6600	54,51
1981	6600	52,87
1982	5790	45,80
1983	5500	41,56

Fonte: IBGE

A partir destes dados, podemos facilmente concluir que todos os brasileiros se alimentam muito bem no que diz respeito ao consumo de trigo. Em particular, no

ano de 1980, foram consumidos, por pessoa, uma excelente quantidade deste produto, ou seja, 54,51 kg/habitante.

É evidente que esta conclusão, no mínimo, pode ser encarada como fantasiosa, pois todos sabemos que a realidade está muito longe desta tabela. Então, qual seria o significado destes dados ?

A estatística procura entender os fenômenos associados a grandes números, cujo acesso direto a cada elemento é na prática impossível. Assim, para entendermos por completo o significado, por exemplo, da tabela acima, temos que estabelecer alguns critérios através de algumas perguntas simples, tais como:

- a) Todos os brasileiros foram entrevistados ?
- b) Em todas as regiões do Brasil o consumo de trigo é o mesmo ?
- c) As pessoas mais velhas comem a mesma quantidade que os mais jovens ?
- d) Os recém nascidos também comem trigo ?

É importante notar que aprender a analisar uma tabela como a descrita acima demanda não apenas conhecimento técnico, mas também bom senso. Dados como estes podem muito bem ser manipulados e conseqüentemente, difundir resultados falsos, enganosos e fantasiosos. O nosso objetivo, então, é o de criar condições para escapar desta possível manipulação entendendo conceitos básicos de estatística.

Um estudo estatístico começa com a definição da *amostra de uma população* que será estudada. Chamamos de população todo o conjunto de indivíduos que são alvos de uma análise, e de amostra o número de indivíduos escolhidos efetivamente para participar do estudo. Por exemplo, a obtenção de informações do número de crianças vacinadas contra varíola no Estado de São Paulo durante a última campanha. Neste problema, uma vez que é impossível verificar individualmente se as crianças foram ou não vacinadas, criamos alguns critérios para selecionar um grupo (amostra), sobre o qual podemos tirar algumas conclusões.

Durante o processo de pesquisa é muito comum estudarmos uma determinada amostra de uma população a fim de generalizar o comportamento para toda a população. Desta forma, é muito importante que tenhamos certeza que nossa amostra representa com alto grau de confiabilidade a população que estamos estudando, e assim, transferir esta confiabilidade também para nossas conclusões.

O levantamento de dados pode ser feito de duas formas:

- a) aleatória, na qual cada indivíduo tem exatamente a mesma probabilidade de ser escolhido;
- b) criteriosa, na qual é estabelecida uma série de regras que determinarão a forma que será construída a amostragem.

Por exemplo, vamos imaginar que estamos interessados no nível de escolaridade do brasileiro acima de 25 anos. A população do ponto de vista estatístico é o número total de brasileiros nesta faixa etária. Se a amostra for aleatória, certamente cometeremos muitos erros na nossa análise, principalmente pela disparidade social encontrada nas diferentes regiões do Brasil. Assim, devemos levar em conta alguns critérios que nos garantirão confiabilidade nos resultados, tais como: região de origem, renda familiar, raça, número de estabelecimentos escolares na região, etc.

Para analisarmos corretamente os registros de uma determinada pesquisa, é necessário elaborarmos estes dados de tal forma que possamos perceber determinadas características definidoras do conjunto que compõe a amostra. Usualmente, organizamos tais dados na forma de tabelas, gráficos de diferentes formas, destacando alguns pontos que se mostram relevantes para o estudo em questão.

A média aritmética é o mais elementar dos cálculos estatísticos, o mais utilizado, e conseqüentemente, aquele que também fomenta as maiores discussões e críticas. Tecnicamente, para obter uma média para uma determinada seqüência numérica, basta somarmos todos os elementos do conjunto considerado e dividir

este resultado pelo número total de elementos. Assim, se o conjunto possui N elementos, $x_1, x_2, x_3, \dots, x_N$, a média aritmética será calculada como:

$$\bar{x} = \frac{x_1 + x_2 + x_3 + \dots + x_N}{N}$$

sendo \bar{x} o valor da média aritmética dos elementos da amostra. Por exemplo, a média entre os números 5, 7 e 13 será:

$$\bar{x} = \frac{4 + 7 + 13}{3} = 8$$

É muito importante entendermos o real significado de uma média aritmética, ou seja, que o conjunto amostrado se comporta como se cada um dos seus elementos fosse igual a média. Se os dados da amostra são muito próximos da média, dizemos que estes valores são pouco dispersos. Por outro lado, se tais valores diferem muito da média, classificamos de dispersos. Assim, entendemos por dispersão de uma amostra como o dimensionamento das diferenças entre o valor de cada elemento do conjunto de dados da amostra e o valor da média aritmética entre todos eles.

Vamos, por exemplo recorrer a um dos dados da ficha 11. É afirmado que: *"No relatório apresentado em março de 95 [...], o governo já reconheceu que 16% das crianças brasileiras entre 5 e 14 anos de idade trabalham."*

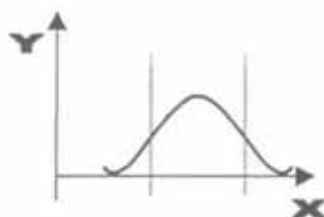
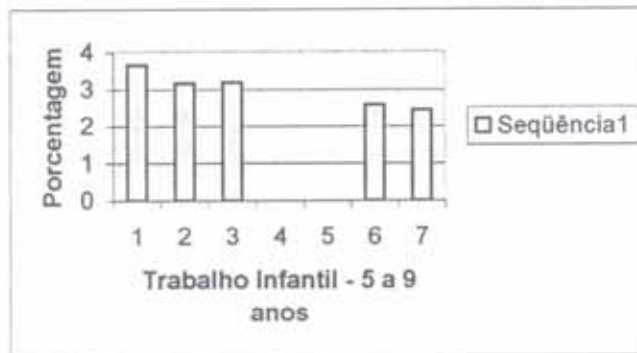


Gráfico típico de uma distribuição estatística

A área mostrada no gráfico refere-se a porcentagem associada a informação deste parágrafo. A parte mais alta do gráfico se refere a idade média das pessoas inseridas no mercado de trabalho. Note que os extremos das curvas referem-se também aos extremos dos espectros das idades.

Para finalizar este desenvolvimento, podemos discutir os dados estatísticos desta mesma ficha 11 relativos a participação infantil no mercado de trabalho. Neste caso, podemos sugerir os seguintes encaminhamentos:



- Fazer um gráfico (uma reta) a partir dos dados da tabela da ficha 11. Como indicação, acima temos os dados relativos a ocupação das crianças na faixa etária entre 5 e 9 anos. Se ligarmos os pontos associados ao topo do gráfico de barras, temos a reta indicada.
- A obtenção dos valores indicados como variação relativa. Para isto, basta dividir a diferença entre dados dos anos de 99 e 92, dividindo o resultado pelo valor de 1992. Por exemplo:

$$\text{variação} = \frac{2,44 - 3,67}{3,67} = -0,335 \times 100 = -33,5\%$$

Uma discussão interessante que pode ser levantada também, refere-se a diferença das porcentagens relativas de ocupação em relação as faixas etárias. No intervalo entre 5 a 9 anos, a ocupação é extremamente mais alta do que aquela apresentada entre crianças entre 10 e 14 anos. Quais seriam os fatores que levam a esta discrepância ?

ABORDAGEM II

Temas:

- Intervenção do homem na natureza e suas conseqüências;
- Modelo de desenvolvimento X desigualdade social;
- Construção da consciência social;
- Divisão geográfica dos Estados como construção histórico-social;
- Terrorismo e suas possíveis conseqüências.

Materiais utilizados:

Ficha 3: *O Germinal*, Émile Zola

Ficha 5: *Corpo e Alma*, Léa Araújo de Souza, educanda da Contracs-SP.

Ficha 8: *A conselheira do príncipe*, de Demétrio Magnoli.

Ficha 14: *El terrorismo y la cuestión social*, artigo Jornal Clarin.

Ficha 15: *América La (Tinha)*, de Dimas Cirilo Junior, educando da Fittel-MG

Desenvolvimento I

Os seres vivos e o meio formam uma complexa rede de inter-relações que deve ser compreendida, pois isso será decisivo para o futuro da espécie humana. O atual modelo de desenvolvimento econômico tem provocado mudanças significativas no ambiente.

A destruição das florestas, que vem ocorrendo através do desmatamento é um dos maiores problemas ecológicos da atualidade. O mundo perde, a cada ano, grandes áreas florestais; florestas são derrubadas ou queimadas, trazendo graves prejuízos ao solo e causando poluição atmosférica.

O tema da **ficha 15** - América La (tinha) refere-se a uma análise crítica do modelo de desenvolvimento atual e da ação do homem na natureza.

A abordagem desta ficha pode ser iniciada pela comparação entre o texto e imagem. Lembrando que é sempre preferível partir das primeiras impressões dos educandos, sem estabelecer categorias prévias, para que todos possam, de

acordo com suas vivências específicas, estabelecer suas próprias categorias e discutir com os colegas suas interpretações.

Algumas questões são importantes e devem ser abordadas, caso não apareçam. No caso da imagem por exemplo, o absurdo descompasso entre a imensidão das riquezas naturais de um lado e a miséria e o abandono humano de outro.

A crítica em relação a desigualdade social é outro ponto marcante no texto: "...*enquanto poucos gastam muito, muitos não têm para gastar*".

O conhecimento geográfico trata da descrição e análise da distribuição espacial, das condições existentes na natureza ou criadas pelo homem, que formam a base material para a reprodução da vida em sociedade.

Quando o autor do texto fala: "*Conheci uma das Américas*", pode-se recorrer ao mapa mundi, afim de retomar o estudo sobre a divisão das três Américas, não só no que diz respeito a divisão espacial, mas também quanto à formação cultural, tema discutido em módulos anteriores.

O autor nos alerta, logo no começo do texto, 2ª e 3ª linhas, para esses dois aspectos da geografia, o natural: "*Lá tinha montanhas*", e o econômico: "Mas foram dinamitadas". Como o autor é de Belo Horizonte poderá estar se referindo a algum caso particular de montanha que tenha sido dinamitada para exploração mineral. Se este for o caso, é importante lembrar que este recurso literário é uma técnica utilizada pelos grandes escritores que partindo de uma experiência particular falam do geral, como João Cabral de Melo Neto que utiliza a saga do migrante nordestino para falar da vida severina em todos os cantos do mundo.

O texto faz uma crítica ao tipo de gestão dos recursos naturais: "*Lá tinha belas paisagens, que ocupavam a verdadeira.*" Mostrando que existe uma relação entre a maneira pela qual as diferentes formações sociais criam paisagens materiais e sociais à sua própria imagem: "*Lá tinha uma grande cultura, mas nem todos eram relativamente cultos.*"

Seria importante que a partir da leitura e interpretação do texto, todos pudessem falar sobre o tipo de exploração das riquezas, naturais e humanas, mais comuns em suas regiões. Verificando, por exemplo, se as intervenções do

homem na natureza e a exploração das riquezas naturais estão servindo para a melhoria das condições de vida de toda a população?

Desenvolvimento II

O trabalho com a **ficha 10** *Corpo e Alma*, de Léa Araújo de Souza, educanda do Núcleo da Contracs/SP, pode ser iniciado com uma leitura coletiva.

A seguir, observar e discutir o título do texto, que sintetiza o assunto e a perspectiva em que é tratado: corpo e alma no texto são dimensões dos sujeitos sociais e históricos, entendido o corpo como organismo vivo e a alma como a essência dessa organização e dessa vida. Observar que a autora enfatiza a relação entre os termos para tratar do sujeito: "o país adoeceu".

O sujeito é o país (unidade corpo-alma), que está doente. A autora apresenta ao longo do texto os argumentos que fundamentam sua afirmação inicial. E o faz através da analogia entre o país, seu cotidiano e sua história, e doenças que acometem um corpo. Inicialmente, a autora refere-se ao cérebro: caracterizado como "colonial", "derrete-se" durante o dia; à noite, termina o processo. Do que está tratando a autora?

Observar que a referência ao cérebro vem acompanhada da citação da TV, ou seja, podemos entender que as informações que esse "cérebro colonial" ou colonizado recebe e processa o derrete mais rapidamente. Não constrói, mas destrói.

Na seqüência do texto e dos argumentos, a autora focaliza a respiração "do peito juvenil", que no movimento de inspiração sorve o ar sujo da mina, e expira o ar metálico de hospital. Todo o restante do texto mostra outros indícios dessa "doença" que acomete o país: olhos inocentes horrorizados e condenados à morte, torturas sexuais, pele esfolada pelo peso da armadura, coração chutado e encolhido, alma humilde e humilhada devassada por um animal de rapina, voz calada, pernas bambas, etc.

De forma poética, a autora traça um painel da situação do país, ou melhor, das vivências da população. Para a reflexão sobre a construção do homem e a educação, o texto contribui para que possamos identificar um nível fundamental de relação: “De corpo e alma, e não se dá conta da intensidade da própria tragédia” remete ao papel que a construção da consciência social – que também é tarefa da educação – deve desempenhar, partindo da análise da realidade para identificar suas contradições e encontrar ali os elementos de superação. Seu próprio texto resulta da atividade crítica, e é ele mesmo um índice do caminho a ser percorrido.

As idéias da autora podem ser debatidas pelo grupo, assim como sua perspectiva de análise.

Desenvolvimento III

A leitura da **ficha 8 - A Conselheira do príncipe**, poderá ser iniciada solicitando aos educandos que identifiquem qual é a região que aparece no mapa e quais conhecimentos que têm a respeito dela. Há alguém no grupo que seja natural da região? Em seguida pode-se localizar, nos mapas do Brasil e do mundo (planisfério), o trecho do mapa, que aparece na ficha.

O mapa que consta na ficha traz sinais de que já foi utilizado para planejar um deslocamento: alguém planejou um percurso que começando em Juazeiro do Norte e passando por Salitre e Santa Cruz, chegava a Coronel Dias.

Seria interessante que os educandos, naturais desta região, pudessem contar um pouco de suas histórias, mostrando no mapa os deslocamentos feitos por eles mesmos e por suas famílias, apontando nos mapas por quais lugares passaram e que tipos de transporte utilizaram nesses deslocamentos.

Os mapas, como se pode observar, são de uma parte do Brasil, mais especificamente uma parte da Região Nordeste.

O texto da ficha diz que as fronteiras “*não estiveram sempre onde estão, e não existiram sempre.*” Essa afirmação vale também para as fronteiras internas. A

maioria dos estados brasileiros não teve alterações nas suas fronteiras na história recente, porém todas as regiões do Brasil foram alteradas nas últimas décadas.

O Estado da Bahia que pertencia à (antiga) Região Leste, passou a fazer parte da Região Nordeste.

O Estado de São Paulo que pertencia à Região Sul, agora faz parte da Região Sudeste.

O Estado do Tocantins, enquanto foi parte de Goiás era território da Região Centro-Oeste, quando tornou-se estado, em 1988, passou a fazer parte da Região Norte.

Algumas alterações ocorreram também nas fronteiras dos estados, por exemplo:

O antigo Estado da Guanabara, que passou a existir a partir de 1960 quando a Capital Federal deixou de ser o Rio de Janeiro e passou a ser Brasília, foi incorporado ao Estado do Rio de Janeiro na década 70.

Outra alteração de fronteira, relativamente recente, ocorreu com a divisão do território do antigo Estado do Mato Grosso que passou a constituir os estados do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso (atenção o nome deste estado não é Mato Grosso do Norte).

Quanto ao Brasil a última alteração importante na sua fronteira foi a incorporação do território que hoje forma o Estado do Acre, em 1903 com o Tratado de Petrópolis.

Após estas atividades, que deverão facilitar a leitura e compreensão da ficha a mesma poderá ser lida abrindo um debate.

Desenvolvimento IV

A **Ficha 14** - *El terrorismo y la cuestión social* deve ser desenvolvida em dois momentos. É importante que os educandos possam realizar uma aproximação com texto, onde tenham a oportunidade de colocar as primeiras impressões, interpretações iniciais a partir de seus conhecimentos prévios, sem a preocupação de erro ou acerto, para depois realizar um estudo mais detalhado

dialogando com os elementos levantados inicialmente, tornando mais significativo o trabalho com o texto.

1º Momento:

A **Ficha 14** - *El terrorismo y la cuestión social*, diz respeito a um tema muito presente na mídia, assim seria conveniente que, primeiramente, fosse solicitado aos educandos, que analisem o texto da ficha procurando descobrir do que trata e, o que cada um está entendendo do texto. É necessário que o educador estimule os educandos mostrando que por se tratar de um tema conhecido, é possível entender alguma coisa.

A imagem retratada na ficha deverá ser interpretada por todos, estabelecendo possíveis vínculos com o texto. Lembrando que interpretar é dar um sentido, o que é diferente de descrever.

Cada educador deve registrar essas primeiras impressões para que sejam retomadas após do desenvolvimento da atividade.

A seguir, pode-se iniciar o desenvolvimento da ficha. Nos 3 primeiros módulos, que incluíram a língua espanhola, privilegiamos os aspectos fonéticos por serem fundamentais para a compreensão e leitura da língua.

É freqüente dizer-se que existiria um idioma intermediário entre o português e o espanhol, que seria o "portunhol". Entretanto isso é um mito, exceto talvez nas zonas de fronteira. É um mito porque o falante do português que utiliza algumas palavras do espanhol, ou "adaptadas" ao espanhol, quando pronuncia as vogais e consoantes daquela língua com o som que elas têm em português, vai ler ou falar o espanhol com a fonética da língua portuguesa o que tornará a comunicação virtualmente impossível. O mesmo vale para um falante em espanhol que lesse um texto em português com a fonética espanhola, teríamos a impressão de que ele estaria falando em espanhol e a comunicação seria no mínimo dificultada.

A dinâmica das atividades de espanhol neste módulo será diferente:

I - Depois das primeiras impressões obtidas no debate sobre o assunto da ficha, a proposta é que se faça a leitura do texto em espanhol, tentando lê-la com a pronúncia espanhola sem preocupação em entender totalmente o texto. Nesta etapa os conhecimentos acumulados nos módulos anteriores serão fundamentais.

Vamos tentar nos antecipar às possíveis dificuldades com a pronúncia:

A pronúncia do *a* é sempre aberta, precisamos estar atentos para não pronunciarmos o *a* nasal antes de *m*, *n* ou *ñ*: *España* > **êspánhá**.

A pronúncia do *e*, e do *o*, é sempre fechada. Lembrar que o acento agudo, em espanhol, não indica a abertura vocálica, indica apenas a sílaba tônica. Então, não devemos pronunciar palavras como *café* e *hispanófilo*, influenciados por suas correspondentes em português. A pronúncia destas palavras em espanhol é **cáfê** e **hispánôfilô**.

No título

social > cuidado com a letra *L* que deve ser pronunciada sempre com a língua no céu da boca, (não se lê *sociau*).

No primeiro parágrafo

efectivo > a letra *c* é quase muda, não se lê *efequitivo*, nem *efetivo*;

corregir > lembrar que o *g* em espanhol antes de *e* ou *i* é pronunciado como "h" aspirado, ou seja, como se soltássemos o ar com força pela garganta;

originan > vale a regra acima.

Segundo parágrafo

ejercitado > o *j* antes de qualquer vogal é pronunciado como o "h" aspirado;

religiosos > duas diferenças: quanto ao *g* antes do *i*, vale a regra de *corrigir*, já o *s* entre vogais tem o som de "ss" em português, lembrar que o nosso som de *z* não existe em espanhol;

muchos > o *ch* tem um som que não temos em português, mas é próximo de "tch";

casos, pasadas, países > vale a regra do *s* entre vogais, isto é, som de "ss".

protagonizado > em espanhol o *z* tem som "ss" ou do "ç" em português;

económico > lembrar que o *o* espanhol é sempre fechado, o acento está sinalizando a sílaba tônica.

Terceiro parágrafo

jóvenes > duas diferenças: quanto ao *j* antes de qualquer vogal o som é de "h" aspirado, conforme explicação acima; quanto ao *v* lembrar que o seu som em espanhol é próximo do som do "b" em português;

origen > para o *g* vale a regra usada em *corregir*.

Quinto parágrafo

bases, miséria, casos > vale a regra do *s* entre vogais em espanhol;

pobreza, utilizar > o *z* em espanhol tem o som do "ss" ou do "ç" portugueses;

extremismo, excusa > o *x* geralmente é pronunciado como "cs";

violentos > não esquecer que o *v* tem o som próximo do som de "b" em português;

logísticos > lembrar que o *g* antes de *e* ou *i* tem som de "h" aspirado.

Sexto parágrafo

años > lembrar que *ñ* tem o som do "nh" em português;

organizaciones, atrazo, esperanza > lembrar que o som do "z" português não existe em espanhol, assim deve-se pronunciar com o som de "ss" ou "ç" do português;

asistencia > vale a regra para *s* entre vogais, som de "ss" em português;

inacción, reacciones > o primeiro *c* é fraco como em respectivo em português;

general > lembrando: que o som de *g* antes de *e* ou *i* tem som de "h" aspirado e, *l* não pode ser pronunciado com "u";

falta, caldo, cultivo > para a letra *l* vale a regra usada acima;

extremas > não esquecer que o *x* tem som de "cs" .

Sétimo parágrafo

eso, necesario > vale a regra para o *s* entre vogais, som de "ss";

latitud, seguridad > a letra *d* é muda quando no final da palavra;

sectores > o *c* deve ser pronunciado como a palavra "respectivo" em português;

insatisfechas > lembrar que o som de *ch* não tem correspondente em português, mas é algo parecido com o som de "tch".

Oitavo parágrafo

alianzas > lembrar que o som do *z* espanhol é como o som de "ss" ou "ç" em português;

alcanzar > dois cuidados: quanto ao *l* não deve ser pronunciado como se fosse "u" e quanto ao *z*, vale a regra usada em *pobreza*;

desafío > vale a regra do *s* entre vogais, isto é o som de "ss" em português;

trabajo > lembrar que o *j* antes de qualquer vogal tem som de "h" aspirado;

zonas > novamente deve-se ter cuidado com o *z*.

Nono parágrafo

esa > mais uma vez o *s* entre vogais que como vimos tem o som do "ss" português;

perspectiva > novamente o *c* mudo, como em "respectivo";

desarrollo > dois cuidados: com o *s* entre vogais e com o *ll* que não temos em português, mas que tem o som do "lh".

Décimo parágrafo

mejora > o *j* antes de qualquer vogal, como vimos, tem som de "h" aspirado;

vida, evitará, violentos, convivencia > lembrar que o som do *v* espanhol é próximo do som do "b" português;

garantizar, confianza > novamente: o som do *z* espanhol é como "ss" ou "ç" em português;

civilizada > cuidado com a pronúncia do *v* e do *z*;

expectativa > para o *x* usar a mesma regra que em *extremismo*.

Atenção: o *c* mudo é usado, nesta palavra, da mesma maneira em espanhol e em português, podendo servir de modelo de pronúncia para os outros *c* mudos.

2º Momento:

Depois que a ficha for lida, com a pronúncia espanhola, pode-se propor aos educandos que tentem traduzi-la com ajuda do dicionário. Como o educador tem a tradução, neste caderno, poderá atuar como facilitador. É importante lembrar, como já foi dito, que há mais de uma tradução possível e que o importante é manter o sentido original do texto.

A abordagem dos conteúdos das fichas, como o próprio nome está dizendo, começa pelas bordas. Nós começamos pelo aspecto sonoro da língua, mostrando que as mesmas combinações de letras correspondem a distintos sons em diferentes línguas.

Voltando à ficha, vamos abordar outros aspectos da língua espanhola. Depois de termos enfrentado o desafio de ler a ficha com a pronúncia espanhola e procedermos à tradução, vamos localizar, nas fichas, as palavras que são de uso freqüente e que podem facilitar a leitura e evitar equívocos.

A palavra *más* (com acento) corresponde ao advérbio "mais" da língua portuguesa.

A palavra *mas* (sem acento) corresponde ao "mas" do português e tem a mesma função gramatical, isto é, conjunção designativa de oposição ou restrição, a palavra *pero* é sinônima da palavra *mas* e é usada com mais freqüência em espanhol.

O artigo definido *el* não deve ser acentuado e corresponde ao "o" português. Artigo é a classe de palavra que indica que a palavra seguinte é um substantivo, precisamente por isso o artigo tem duas formas para gênero, masculino e feminino, e duas formas para número, singular e plural:

Artigos definidos

masculino feminino

singular *el* *la*

plural *los* *las*

O pronome pessoal *él* leva acento e corresponde ao "ele" do português.

Errata: o quadro de pronomes do caderno anterior continha erro e por isso estamos substituindo-o:

variações:

		Sujeito		Complemento Direto		Complemento Indireto	Complemento Preposicional	
		Gênero		Gênero			Gênero	
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		Masc.	Fem.
1ª	Sing.	<i>yo</i>	<i>yo</i>	<i>me</i>	<i>me</i>	<i>me</i>	<i>mi</i>	<i>mi</i>
	Plural	<i>nosotros</i>	<i>nosotras</i>	<i>nos</i>	<i>nos</i>	<i>nos</i>	<i>nosotros</i>	<i>nosotras</i>
2ª	Sing.	<i>tú</i>	<i>tú</i>	<i>te</i>	<i>te</i>	<i>te</i>	<i>ti</i>	<i>ti</i>
	Plural	<i>vosotros</i>	<i>vosotras</i>	<i>os</i>	<i>os</i>	<i>os</i>	<i>vosotros</i>	<i>vosotras</i>
3ª	Sing.	<i>él</i>	<i>ella</i>	<i>lo</i>	<i>la</i>	<i>le(se)</i>	<i>él(si)</i>	<i>ella (si)</i>
	Plural	<i>ellos</i>	<i>ellas</i>	<i>los</i>	<i>las</i>	<i>les(se)</i>	<i>ellos(si)</i>	<i>ellas (si)</i>

Seria interessante que todos pudessem copiar este quadro de pronomes pessoais, pois faremos freqüentes referências a ele.

O advérbio *mucho* refere-se a quantidade, enquanto o advérbio *muy* refere-se a graus, a intensidade: *Muchos trabajadores brasileños tienen servicios muy peligrosos*> Muitos trabalhadores brasileiros têm serviços muito perigosos.

Desenvolvimento V

Após a leitura e tradução das fichas é importante avaliar se o conhecimento que todos já tinham a respeito dos ataques ocorridos nos Estados Unidos ajudou na compreensão do texto e, se a leitura e tradução ampliaram o conhecimento sobre o assunto.

Considerando que os ataques atingiram dois dos símbolos do poder norte-americano: as torres de Nova York (símbolo do poder econômico) e o Pentágono (símbolo do poder militar), seria interessante promover um debate sobre as razões que teriam levado ao ataque, e sobre suas possíveis conseqüências, tanto para os grupos que o teriam patrocinado, quanto para os Estados Unidos e o restante da economia capitalista.

O editorial do jornal argentino fala que uma das causas da violência é a extrema pobreza de grande parte da população mundial, lembra que nos locais onde fracassa a ação do Estado surgem grupos que ocupam esse espaço. A violência nas grandes cidades brasileiras poderia ser explicada pelo mesmo argumento?

O texto começa falando que o combate ao terrorismo não pode ser feito através de medidas policiais ou militares. Os alvos dos ataques justificam a argumentação, já que tanto as torres, que já haviam sido objeto de atentado, quanto o Pentágono, que é o centro da inteligência militar norte-americana, estavam entre os lugares mais protegidos do planeta. E se os lugares mais protegidos, do país mais rico e mais militarizado, são vulneráveis, o caminho para evitar novos atentados não pode ser o da tentativa de se construir bolhas de segurança.

Ao ressaltar que os atentados foram perpetrados por pessoas de bom nível educacional e econômico o texto rebate a idéia de atribuir o atentado a pessoas que teriam inveja dos norte-americanos. Segundo o texto, a resposta sobre a motivação dos atentados também não viria daí.

A seguir o texto faz uma referência aos movimentos guerrilheiros que ocorrem há décadas na América Latina, e diz que se a miséria não produz diretamente a violência, pode entretanto servir de escusa (justificação). Ou seja, o editorial aponta os fundamentos econômicos da violência, demonstrando que a miséria e o abandono das populações são caldo de cultura para o surgimento de fanatismo e ações extremas.

Neste ponto seria interessante que todos debatessem sobre os argumentos do autor que começa dizendo o que não explica os atentados, para depois, levando em conta a história, tentar entender qual a origem da violência, postulando que o germe da violência é a inação do Estado.

Talvez seja importante ressaltar que o Jornal Clarín, de Buenos Aires, não é considerado nem um jornal de esquerda, nem conservador e tem uma linha editorial próxima a do jornal Folha de São Paulo, aqui no Brasil.

Para o editorialista, a concentração de renda parece ter ido longe demais: *"Es necesario tener en cuenta también la importancia de cambiar las condiciones de vida de grandes sectores de la población mundial que tienen sus necesidades elementales insatisfechas."*

O autor propõe ainda que os países ricos não procurem a cooperação dos países pobres apenas para seus empreendimentos militares, mas que cooperem para *"(...) el desarrollo de programas de desarrollo económico y social, (...)".*

O parágrafo final do texto conclui o raciocínio remetendo ao título do editorial. É importante salientar que o *y* do título (*El terrorismo y la cuestión social*), corresponde ao "e" no português, mostrando que terrorismo e questão social são parcelas da mesma totalidade.

Tradução do texto da Ficha 14 - *El Terrorismo y la cuestión social*

O Terrorismo e a questão social

O combate efetivo ao terrorismo não pode esgotar-se nas medidas militares ou policiais e deve abarcar políticas mais amplas destinadas a corrigir as situações que o originam e dão sustentação.

O terrorismo é exercitado por motivos religiosos ou ideológicos e, em muitos casos, protagonizado por pessoas de bom nível educativo e até econômico. Isso foi possível observar em décadas passadas em muitos países latino-americanos e agora pode ser observado em outras partes do mundo.

As investigações sobre os ataques aos Estados Unidos oferecem indícios de que teriam tido a participação de pessoas de classe média com formação universitária, muito diferente dos jovens fundamentalistas de origem pobre que se imolam em Israel.

Por outro lado, os motivos do terrorismo costumam ser de origem política, mais que econômico ou social.

De qualquer maneira é indubitável que uma das bases de sustentação do extremismo são a pobreza e a frustração econômica. Na América Latina, os grupos violentos puderam utilizar como escusa a miséria e o abandono das populações e, em não poucos casos, obtiveram apoio político e logístico.

Em vários países árabes os grupos fundamentalistas cresceram nos últimos anos como organizações de assistência social que suprem a inação do Estado e oferecem serviços indispensáveis para a sobrevivência. Por outro lado, em geral, o atraso e a falta de esperança são caldo de cultura para o fanatismo e as reações extremas.

Por isso, a resposta ao terrorismo, de qualquer origem ou em qualquer latitude, não podem ficar restritas às políticas de segurança. É necessário levar em conta também a importância de mudar as condições de vida de grandes setores da população mundial que não tem suas necessidades elementares satisfeitas.

Os países ricos não devem limitar seu sistema de alianças ao combate militar ao terror. Têm também o desafio de fazerem acordos para gerar recursos e trabalho para as zonas abandonadas do planeta. Nessa perspectiva, podem buscar a cooperação dos governos dos países pobres para o desenvolvimento de programas de desenvolvimento econômico e social, da mesma forma que buscam sua cooperação em matéria militar ou de segurança.

A melhoria nas condições de vida não evitará o aparecimento de indivíduos ou grupos extremistas e violentos, nem bastará para garantir a convivência civilizada. Porém, seguramente aumentará a confiança e as expectativas na ordem democrática e arrestará os argumentos e as bases de sustentação dos violentos.

ABORDAGEM III

Temas:

- Participação como processo educativo;
- Educação como processo permanente;
- Estilos literários;
- Organização social como possibilidade de transformação;
- Dimensões do sujeito: individual e coletiva;
- Diferenciação entre Estado e governo.

Materiais utilizados:

Ficha 2: *Homem Comum*, de Ferreira Gullar e Trecho: *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa

Ficha 4: A educação para a participação, de Juan E. Diaz Bordenave

Ficha 7: O Homem: Animal Político, de Dalmo de Abreu Dallari

Ficha 10: *O Homem Novo*, de Ernesto Guevara de La Serna.

Seria interessante que os dois textos da **Ficha 2** - *Homem Comum* e *Grande Sertão: veredas*, fossem desenvolvidos em conjunto. Enquanto a primeira tem como foco a perspectiva coletiva, a segunda é centrada na dimensão individual. Em "Homem comum", o eu lírico chama atenção para a importância da união entre os cidadãos (simples, idosos, pobres, comuns ...) para a luta por um mundo melhor; já em "Grande sertão: veredas", o personagem Riobaldo não acredita na capacidade coletiva de mudar a sociedade em que vive, jogando a responsabilidade para o sagrado.

Portanto, o objetivo principal deste desenvolvimento é fomentar a discussão sobre essas duas perspectivas – a organização social como possibilidade de transformação da realidade e a postura individual e conformista que naturaliza as relações.

A leitura e comparação dos dois textos poderão ser feitas tendo como objetivo provocar uma reflexão sobre as duas dimensões dos sujeitos: a coletiva e a individual.

Desenvolvimento I

A abordagem da **ficha 2** - Homem Comum pode ser iniciada a partir de algumas informações sobre a vida e obra do poeta Ferreira Gullar, bem como sobre seu estilo de poesia através dos elementos abaixo:

Ferreira Gullar nasceu em São Luís do Maranhão em 1930. Poeta vanguardista, foi um dos fundadores da poesia concretista no Brasil.

Por ser um texto moderno, o poeta utiliza estrutura formal livre: versos sem rima e sem métrica (diferente quantidade de sílabas poéticas – um mais extenso que outro), além da inovação na disposição dos mesmos.

Partindo para a interpretação do texto, o eu-lírico, voz que canta o poema, fala de si, descrevendo suas características de homem que ele chama de comum: feito de carne e osso, que se lembra e se esquece de coisas, anda a pé, de ônibus, brasileiro, maior, casado, reservista, ...ou seja, chama a atenção de muitos leitores que acabam se reconhecendo no poema, afinal todos nós somos de carne e osso, lembramos, esquecemos, sentimos, sofremos e nos alegamos.

A partir desse reconhecimento, o eu-lírico traça seu objetivo de vida – provocar a união pela luta por um mundo melhor. A importância da união dos muitos homens comuns é ressaltada através de um recurso formal da poesia já mencionado anteriormente – a aliteração. Nos versos finais " *Mas somos muitos milhões de homens / comuns / e podemos formar uma muralha / com nossos corpos de sonho e margaridas.*", percebemos a repetição enfática da consoante M, presente em diversas palavras que indicam quantidade – muitos, milhões, margaridas ...

O eu-lírico chama atenção para dois grandes problemas – o latifúndio e o imperialismo americano.

O latifúndio é caracterizado como propriedade rural, característica de países subdesenvolvidos, de monocultura ou com terras incultas, explorada por um só proprietário, que utiliza mão-de-obra não especializada, mediante salário muito baixo. Atualmente há latifúndios que são grandes empresas rurais. O imperialismo consiste no domínio econômico de algumas nações sobre outras.

No texto, o autor refere-se ao imperialismo norte-americano ao citar como exemplo algumas empresas – Chase Bank (banco internacional), a IT&T (empresa de telecomunicações), a Bond and Share (ações e papéis do governo americano), Wilson (produtos frigoríficos), Hanna (entretenimento) e a Anderson Clayton (empresa de alimentos). Nesse mesmo fragmento de texto, é usado um recurso expressivo bastante significativo – a metáfora, em “*braços do polvo*”. A metáfora faz uma comparação indireta, uma associação, ou seja, compara imperialismo a um polvo com seus inúmeros e enormes tentáculos atacando a presa (outros países).

Desenvolvimento II

O desenvolvimento da **ficha 2**: Grande sertão: veredas, pode ser iniciada com informações prévias sobre o autor:

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (Minas Gerais) no ano de 1908 e morreu no Rio de Janeiro em 1967. Foi um importante escritor modernista, com um estilo literário regional bastante diferente, no qual a inventividade lingüística é marcante.

Suas obras são marcadas pelo modo como enfrenta a palavra, o modo como trabalha a linguagem, tornando-a artesanal. São características do escritor:

- uso de regionalismo: vocabulário próprio de cada região. Explorou bastante a fala do sertanejo da região de Minas Gerais. Exemplos do trecho : “ parido “, “diverjo”;
- neologismo : criação de palavras (invenção);
- Oralidade: linguagem oral é transmitida à escrita. Exemplos do texto: “ Ahã”, “a gente” e outros;
- Prosa poética : texto escrito em parágrafos, porém apresentando os recursos característicos da poesia – figuras de linguagem, rimas, cuidado com a

palavra, texto emotivo e outros. No texto esses elementos são bastante evidentes. A emoção apresentada no texto é percebida pela pontuação (uso de reticências e ponto de exclamação), além de palavras enfáticas : " *Valor de lei !*" e " *... fundo de todos os matos, amém !*" Aqui a ênfase foi dada pela palavra "amém", que significa perfeita concordância com a afirmação do personagem. O uso de figuras de linguagem também são características da prosa poética. Nesse trecho, Guimarães Rosa fez uso da metáfora (comparação subentendida e associação com outros elementos), exemplo – " *E o reumatismo... Lá como quem diz: nas escorvas.*" Ao utilizar a palavra "escorvas" (caminho de pólvora para levar fogo a determinado local), ele criou uma forma diferente de dizer que o reumatismo estava na iminência de aparecer, fazendo uso de uma associação rara.

Por se tratar de um pequeno fragmento de um romance, seria fundamental que os educandos conhecessem a história para entender o trecho que será abordado.

GRANDE SERTÃO : VEREDAS

"O romance é narrado na primeira pessoa, em monólogo ininterrupto, por Riobaldo, velho fazendeiro do Norte de Minas, antigo jagunço, que conta sua vida e suas angústias. Primeiro bandido, depois chefe de bando, a sua tarefa principal é vingar a morte do grande chefe Joça Ramiro, assassinado à traição. Para isso estabelece um pacto com o diabo, que não sabe se foi realmente feito, mas que depois o atormenta pelo resto da vida, numa dúvida insanável. O seu maior amigo e companheiro de armas é Reinaldo, a quem chama Diadorim e por quem sente uma amizade extrema, que se aproxima do amor e o deixa perturbado. O fato se explica quando Diadorim morre em um duelo, matando ao mesmo tempo o traidor Hermógenes: era a moça Diadorina, filha de Joca Ramiro, disfarçada de homem."

(Cândido, Antônio. **Presença da Literatura Brasileira**. Vol.3 Difel, SP, 1983)

Após o conhecimento da história, a abordagem pode ser seguida com a leitura do trecho.

A temática central da obra é a existência ou não do diabo, do que depende a salvação da alma de Riobaldo. Portanto, nesse fragmento, há alusão a esse assunto.

O trecho em questão inicia-se com a exposição feita por Riobaldo sobre a vida das pessoas, apresentando algumas de suas características para provar que pode falar, que conhece o assunto: "*Diverjo de todo mundo ... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa*". Aqui aparece um duplo sentido, pois se o narrador diz que não sabe de nada, na verdade ele sabe de tudo, porque para desconfiar, precisa conhecer.

O personagem é atormentado pela sua própria consciência, pois manifestou desejo de pacto com o diabo. Para aliviar-se, sugere a sábios, políticos e instituições que decretem uma lei dizendo que o diabo não existe. Nesse momento pode-se perceber que as pessoas dão grande valor aos "representantes do saber", pois se eles legitimam algum elemento, como o fato de o diabo não existir, automaticamente as pessoas aceitam: "*Valor de lei*". Seguindo em seus comentários, Riobaldo diz que o governo não das necessidades da população – saúde, emprego, moradia, alimentação ... Diante dessa reflexão ele chega à conclusão de que é necessário escolher entre o profano ("safado comum", o viver comum, o cotidiano) e o sagrado ("ou cuida só de religião só"). Nesse fragmento há ambigüidade no uso da palavra "só", que pode significar somente ou sozinho – ou cuida só de religião e somente dela (ênfase) ou cuida só de religião sozinho, ou seja, sem a participação de outros, do viver comum, do cotidiano.

Riobaldo se mostra sem forças para lutar por uma vida melhor, dando desculpas como a velhice e o reumatismo, assim, legitimando sua inércia ante a vida.

Desenvolvimento III

A **ficha 7 - O Homem: Animal Político**. Como podemos verificar através da leitura desta ficha, pelo menos desde os gregos, a solução dos problemas sociais é problema da sociedade, não dos cidadãos individualmente ou em grupos: "*...o homem é um ser social por natureza e, por isso, tudo que ele tem ou realiza é*

tido ou realizado em sociedade." Ou seja, os problemas sociais devem ser tratados no campo da política.

Mas o que estamos chamando de política? Ela é uma atividade específica de alguns profissionais da sociedade ou concerne a todos nós, porque vivemos em sociedade?

O texto a seguir é bastante esclarecedor no que concerne a estas questões:

A vida política

Paradoxos da política

Não é raro ouvirmos dizer que 'lugar de estudante é na sala de aula e não na rua, fazendo passeata' ou 'estudante estuda, não faz política'. Mas também ouvimos o contrário, quando alguém diz que 'os estudantes estão alienados, não se interessam por política'. No primeiro caso, considera-se a política uma atividade própria de certas pessoas encarregadas de fazê-la - os políticos profissionais -, enquanto no segundo caso, considera-se a política uma interesse e mesmo uma obrigação de todos. Assim, um primeiro paradoxo da política faz aqui sua aparição: é ela uma atividade específica de alguns profissionais da sociedade ou concerne a todos nós, porque vivemos em sociedade?

Como se observa usamos a palavra *política* ora para significar uma atividade específica - o governo -, realizada por um certo tipo de profissional - o político -, ora para significar uma ação coletiva - o movimento estudantil nas ruas - de reivindicação de alguma coisa, feita por membros da sociedade e dirigida aos governos ou ao Estado. Afinal, a política é uma profissão entre outras ou é uma ação que todos os indivíduos realizam quando se relacionam com o poder? A política se refere às atividades de governo ou a toda ação social que tenha como alvo ou como interlocutor o governo ou o Estado?

(...) Podemos, então, indagar: Afinal, o que é a política? É uma atividade de governo? É a administração do que é público? É a profissão de alguns especialista? É ação coletiva referida aos governos? Ou é tudo que se refira a organização e à gestão de uma instituição pública ou privada? No primeiro caso (governo e administração), usamos 'política' para nos referirmos a uma atividade que exige formas organizadas de gestão institucional e, no segundo caso (gestão

e organização de instituições), usamos 'política' para nos referirmos ao fato de que organizar e gerir uma instituição envolve questões de poder.

Em resumo: Política diz respeito a tudo quanto envolva relações de poder ou a tudo quanto envolva organização e administração de grupos?

Como veremos posteriormente, o crescimento das atribuições conferidas aos governos, sob a forma do Estado, levou a uma ampliação do campo das atividades políticas, que passaram a abranger questões administrativas e organizacionais, decisões econômicas e serviços sociais. Essa ampliação acabou levando a um uso generalizado da palavra política para referir-se a toda modalidade de direção de grupos sociais que envolva poder, administração e organização.

(...) O significado de governo, entendido como direção e administração do poder público, sob a forma do Estado. O senso comum social tende a identificar governo e Estado, mas governo e Estado são diferentes, pois o primeiro diz respeito a programas e projetos que uma parte da sociedade propõe para o todo que a compõe, enquanto o segundo é formado por um conjunto de instituições permanentes que permitem as ações dos governos.

(...) A política, neste primeiro sentido, refere-se, portanto, à ação dos governantes que detêm a autoridade para dirigir a coletividade organizada em Estado, bem como às ações da coletividade em apoio ou contrárias à autoridade governamental e mesmo à forma do Estado;

(...)

(Chauí, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1999. Pp. 367-369).

A partir desse subsídio é possível aprofundar o debate sobre o texto *O Homem: Animal Político*. Lembrando que algumas questões são de grande relevância, como por exemplo: conceito de política, diferença entre Estado e governo, dentre outras.

Desenvolvimento IV

A **Ficha 4** - A educação para a participação, pode ser abordada em grupo, pois, é um texto que deve ser debatido, confrontado com as diversas opiniões.

Em grupos menores há a possibilidade de todos expressarem suas opiniões. É importante que todos os grupos façam uma síntese do texto para que seja socializado com outros grupos.

Alguns pontos são importantes e não devem ser relegados. Caso não apareçam nas discussões dos grupos cabe aos educadores explicitá-los:

Temos salientado sistematicamente a importância de se conhecer a realidade, os determinantes sócio-históricos para podermos intervir. Assim, *Educação para a participação* é um dos nossos objetivos principais. Como podemos avaliar se estamos conseguindo atingir esse objetivo ?

É importante retomar a perspectiva de que a aprendizagem pela prática e pela reflexão é um processo permanente, como indica Bordenave. Se a qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a refletir, superar realidades, entender novos significados das palavras, até que ponto a nossa ação educativa está atingindo esse outro objetivo ?

A qualidade da participação se eleva quando as pessoas aprendem a organizar e coordenar: em que medida o nosso Programa tem subsidiado, neste sentido, todos os sujeitos que participam dessa ação formativa ?

É de fundamental importância que a sistematização dos módulos tenha como eixo central essas perguntas. Portanto, o debate desta ficha deve propiciar aos educandos a oportunidade de refletirem sobre o processo formativo de cada um.

Para fechar esse desenvolvimento pode-se propor aos educandos que analisem a imagem da ficha e, partir desta análise, elaborem um texto que expresse essa interpretação.

Desenvolvimento V

Antes de iniciar as atividades da **Ficha 10 - O Homem Novo**, é importante esclarecer que O Homem Novo, diz respeito a um ser genérico, portanto, refere-se a todos os homens e mulheres.

Vamos partir do dia a dia. O texto apresenta uma reflexão sobre a vivência e a conscientização das leis que fundam as relações no capitalismo. Logo no início do texto, o autor afirma que *"As leis do capitalismo, invisíveis para as pessoas comuns e cegas, atuam sobre o indivíduo sem que este perceba."* A competição no mercado de trabalho, as próprias relações de trabalho, aparecem como naturais quando vividas no âmbito individual, ou melhor, elas atuam no sentido de camuflar seu caráter histórico e social quando os indivíduos só se percebem como indivíduos.

O autor indica que a direção para simultaneamente criticar a realidade e superá-la é a consciência de que os homens – mesmo os indivíduos – são seres de devir, inacabados, e que podem interferir na própria construção e na das relações sociais que o realizam. O homem novo – ser único e membro da comunidade – é construção da práxis, é aquele que é capaz de criticar a realidade e educar-se através da atividade crítica, e de realizar sua dupla essência: ser único e ser comunitário.

Esta ficha possibilita que se faça uma síntese, não apenas desta abordagem como de todo o percurso formativo. Considerando as dificuldades enfrentadas para se construir uma nova educação, lutando para superar *"as taras do passado"*, num *"trabalho contínuo para erradicá-las"*, já que essa educação que estamos elaborando *"tem que competir duramente com o passado"*.

Cada educador deve procurar a melhor maneira de fazer essa síntese, já que essa trajetória vem sendo desenvolvida de várias maneiras, de acordo com as especificidade de cada turma, de cada região e em momentos diferentes.

Como fechamento deste módulo seria interessante propor aos educandos que olhassem para a imagem da ficha, como se o retângulo branco fosse um espelho, e cada um produzisse um texto descrevendo esse novo homem que estão vendo.

ANEXO

O ímpeto suicida do capitalismo

Robert Kurz

Catástrofes de grandes proporções e dimensão simbólica têm sido sempre, na história da humanidade, ensejo para uma ponderação cuidadosa em que os poderosos do mundo perdem sua *hybris*, sociedades refletem sobre si mesmas e reconhecem seus limites. Nada disso se pode observar na sociedade mundial capitalista depois do ataque kamikaze aos centros nervosos dos EUA. Chega a parecer que o ataque bárbaro vindo das trevas da irracionalidade teria arrasado não apenas o World Trade Center mas também os últimos resquícios de capacidade de julgar da opinião pública democrática mundial. Essa sociedade não quer reconhecer a si própria no espelho do terror; na verdade, sob a impressão do horror, ela se torna mais presunçosa, mesquinha e irrefletida que antes. Quanto mais violentamente lhe apontam seus limites, mais fortemente ela se agarra a seu poder e mais cegamente cultiva sua unidimensionalidade. Depois do ataque terrorista, o funcionalismo de elite, a mídia e o populacho do sistema global de "economia de mercado e democracia" estão se comportando como se fossem todos atores e figurantes numa encenação real do filme "Independence Day". Hollywood pressentiu um acontecimento apocalíptico e o filmou como representação de patriotismo kitsch e moral jeca. Assim a indústria cultural banalizou e tornou irreal a realidade da catástrofe antes que esta se tornasse mesmo real. O luto espontâneo e a perplexidade dão lugar aos falsos rituais de um padrão programado de reação, que impossibilita a compreensão de qualquer nexos interno entre terrorismo e ordem dominante. Fica claro o endurecimento da consciência democrática oficial, transformada em furiosa falta de ponderação, quando o ator diletante presidente dos Estados Unidos jura uma "luta monumental do bem contra o mal". Retratando o mundo assim de modo "naïf", as próprias contradições internas são projetadas para fora. É o esquema elementar de toda ideologia: em vez de revelar o contexto repleto de implicações em que se está envolvido, é preciso encontrar uma causa exterior para os acontecimentos e definir um inimigo externo. Mas, diferentemente dos mundos de sonho juvenis de Hollywood, não haverá "happy end" na dura realidade da sociedade mundial que se despedaça. Em "Independence Day" são, como convém, extraterrestres que atacam a própria "terra de Deus" e, claro, acabam sendo heroicamente rechaçados. Esse papel de alienígena, à margem do planeta, à margem do capitalismo e da razão, pelo visto agora deverá ser assumido pelo islamismo militante, como se se tratasse de uma cultura estranha e recém-descoberta, revelando-se como ameaça sombria. Em busca da origem do mal, folheiam o Alcorão, como se ali pudessem encontrar os motivos para os atos que de outro modo seriam inexplicáveis.

Falsa pré-modernidade

Intelectuais ocidentais perturbados declaram mais do que depressa, sem a menor vergonha, considerar o terrorismo expressão de uma consciência "pré-moderna", que teria desconhecido o Iluminismo e por isso teria de "satanizar", com atos de ódio cego, a maravilhosa "liberdade de autodeterminação" ocidental, o livre mercado, a ordem liberal e, enfim, tudo o que há de bom e de belo na civilização ocidental. Como se nunca houvesse existido uma reflexão intelectual sobre a "dialética do esclarecimento" e como se o conceito liberal de progresso não tivesse caído em descrédito há tanto tempo na catastrófica história do século 20, reaparece como fantasma, no desconcerto diante do ato inédito de insânia, a burguesa filosofia da história dos séculos 18 e 19, ao mesmo tempo arrogante e ignorante. Na tentativa forçada de atribuir a nova dimensão do terror ao outro, um ser exterior, o bom senso

ocidental-democrático definitivamente despenca para o mais baixo nível intelectual. Porém não se pode manter com tanta facilidade essa definição distorcida do nexos que há de fato entre todos os acontecimentos na sociedade globalizada: após 500 anos de sangrenta história colonial e imperialista, após um século de uma industrialização estatal-burocrática fracassada e modernização descompassada, após 50 anos de integração destrutiva no mercado mundial e dez anos sob o absurdo domínio do novo capital financeiro transnacional, não há mais, na verdade, nenhum território exótico oriental que se possa conceber como estrangeiro e externo. Tudo o que acontece hoje é produto imediato e mediado pelo sistema mundial unificado de modo forçado. O capital "one world" é o próprio ventre gestante do megaterror.

Desvarios neo-ideológicos

Foi a ideologia militante do totalitarismo econômico ocidental que preparou o terreno para os igualmente militantes desvarios neo-ideológicos. O fim da era do capitalismo de Estado e de suas idéias foi tomado como ensejo para silenciar a própria teoria crítica. As contradições da lógica capitalista não puderam mais ser discutidas, foram declaradas inexistentes, e a questão da emancipação social para além do sistema produtor de mercadorias, considerada irrelevante. Com a suposta vitória definitiva do princípio de mercado e concorrência, a capacidade de reação intelectual das sociedades ocidentais começou a se extinguir. Os homens deste mundo deveriam tornar-se idênticos em suas funções capitalistas, embora a maioria já estivesse carimbada como "supérflua".

Enquanto os mecanismos de crise do capitalismo financeiro tipo "shareholder value" lançavam milhões de pessoas à pobreza e ao desespero, a maioria da intelligentsia global entoava, como a escarnecer, o canto do otimismo democrático da economia de mercado. Agora estão recebendo a conta: quando a razão crítica se cala, é o ódio assassino que toma o seu lugar.

A insustentabilidade objetiva dos modos de produção e de vida vigentes já não se impõe mais de maneira racional, mas irracional. Assim, o recuo da crítica teórica foi seguido pela marcha do fundamentalismo religioso e etno-racista.

Enquanto a crítica emancipatória por princípios ao capitalismo não se reorganizar, os acessos de paranóia social e ideológica deverão transformar-se no único instrumento para medir as proporções que as contradições da sociedade mundial atingiram. Nessas condições, o novo tipo de megaterror nos EUA significa que a crise do sistema capitalista globalizado, oficialmente ignorada e desprezada, assumiu uma nova dimensão.

O que parece uma fúria incomum do terror encontrou solo fértil não somente na economia de mercado "one world" mas também foi cultivada pelos aparatos de poder repressor das democracias ocidentais que agora querem lavar as mãos.

Hollywood pressentiu um acontecimento apocalíptico e o filmou como representação de patriotismo kitsch e moral jeca; a indústria cultural banalizou a realidade da catástrofe

É gente que saiu errante da Guerra Fria e das guerras da ordem mundial democrática que se seguiram. Saddam Hussein adquiriu no Ocidente os armamentos usados contra o regime

iraniano dos mulás, que por sua vez saia de baixo das ruínas de modernização do regime dos xás. Os integrantes do Taleban foram paparicados, instruídos e armados com eficientes mísseis de defesa aérea, porque na época todos aqueles que se pusessem contra a União Soviética eram contados no reino dos "bons". E Osama bin Laden, com sua mente insana, agora transformado em figura mítica do mal, pela mesma razão, entrou inicialmente como "predileto" dos serviços secretos ocidentais na arena mundial da paranóia abastecida de munição. O imperialismo "de segurança" da Otan (aliança militar ocidental), que quer a todo o custo manter sob controle a humanidade que não se reproduz mais pelo capital, se utiliza ainda hoje de regimes tolerantes com a tortura e de diversas formas de insânia, na Turquia, na Arábia Saudita, Marrocos, Paquistão, Colômbia etc. etc. Mas, como o mundo vai se desmantelando, ganha vida própria um aborto da natureza após outro. O "predileto" de hoje é sempre o "monstro incompreensível" de amanhã. Os príncipes do terror, protagonistas de guerras santas e milícias formadas de clãs, não são, no entanto, de modo nenhum meras forças instrumentalizadas fora do Ocidente - que agora começariam a fugir a seu controle. Mesmo suas condições psíquicas não são "medievais", e sim pós-modernas. As semelhanças estruturais entre a consciência da "civilização" da economia de mercado e a consciência dos terroristas islâmicos não devem causar tanto espanto, se pensarmos que a lógica do capital consiste num irracional fim em si mesmo que representa nada menos do que religião secularizada. Também o totalitarismo econômico divide o mundo entre "fiéis" (credores) e "infiéis". A vigente "civilização" do dinheiro não é capaz de analisar racionalmente a origem do terror, porque afinal teria que questionar a si mesma. Assim, se o supostamente esclarecido Ocidente define o islamismo como "obra do demônio", o mesmo ocorre vice-versa. As irracionais imagens dicotômicas de "bem" e "mal" igualam-se até beirar o ridículo. O que se passa na cabeça dos líderes terroristas não é substancialmente mais bizarro do que o modo como os "managers" da economia global de mercado percebem e classificam o ser humano e a natureza sob a pressão destrutiva do abstrato cálculo administrativo. O terror religioso golpeia, cego e insensato, da mesma maneira que a "mão invisível" da concorrência anônima, sob cujo domínio permanentemente milhões de crianças morrem de fome - só para dar um exemplo que põe sob um foco de luz bem estranha o comovido culto que se celebra às vítimas de Manhattan.

Razão instrumental

Quando a mídia revela em suas entrelinhas uma admiração secreta pelas capacidades técnicas e logísticas, de que não se tinha idéia, demonstradas pelos terroristas, também aí fica claro como os dois lados são quase almas gêmeas: ambos são igualmente adeptos da "razão instrumental". Pois a ambos se aplica aquilo que o estranho capitão Ahab diz, no "Moby Dick" de Melville, grande parábola da modernidade: "Todos os meus meios são sensatos, só meu objetivo é desvairado". A economia do terror e o terror da economia correspondem-se como imagens em um espelho. Desse modo, o autor de um atentado suicida se mostra como a consequência lógica do indivíduo isolado na concorrência universal que não lhe oferece perspectivas. O que então se revela é o ímpeto de morrer do sujeito capitalista. E que esse ímpeto para a morte é inerente à própria consciência ocidental, e não apenas desencadeado pela desesperança intelectual do sistema totalitário de mercado, dão provas os casos frequentes de psicopatas que invadem escolas norte-americanas para assassinar em série filhos da classe média e o atentado de Oklahoma, reconhecidamente um produto genuíno do delírio interior dos Estados Unidos. O ser humano reduzido a funções econômicas enlouquece da mesma

maneira que aquele cuspidor como "supérfluo" pelo processo de aproveitamento. A razão instrumental dispensa seus filhos.

Como o núcleo irracional de sua ideologia é tal e qual o do fundamentalismo islâmico, o capitalismo nada mais pode que conclamar a uma cruzada, à "guerra santa" da "civilização" ocidental

Pessoas e não-pessoas

Como o núcleo irracional de sua ideologia é tal e qual o do fundamentalismo islâmico, o capitalismo nada mais pode que conclamar a uma cruzada, à "guerra santa" da "civilização" ocidental. Somente aquelas vítimas - as colunistas mais famosas dos EUA, corretores em Manhattan e cidadãos da liberdade ocidental- são vistas como vítimas reais e pranteadas em missas à sua memória.

Por outro lado, os civis iraquianos mortos e crianças sérvias esfaceladas por bombas atiradas de uma altura de dez quilômetros, porque a pele preciosa dos pilotos americanos não podia sofrer um arranhão, não aparecem como vítimas humanas, e sim como "efeitos colaterais". Mesmo diante dos mortos o apartheid global não cessa. O conceito ocidental de direitos humanos contém como pré-requisito tácito saber se o indivíduo tem valor de venda e poder de compra. Quem não preenche esses critérios na verdade não é mais um ser humano, mas uma porção de biomassa.

Dessa maneira, o fundamentalismo ocidental divide o mundo no "reino" supostamente civilizado, de um lado, e nos "novos bárbaros", de outro - como o jornalista francês Jean Rufin já constatava no início dos anos 90.

O império balança. Dentro de poucos meses o mito da invulnerabilidade econômica será desmascarado pela crise da nova economia. No momento o mito da invulnerabilidade militar está em chamas com o Pentágono.

O pensamento utilitário do funcionalismo de elite tenta tirar proveito até mesmo dessa catástrofe. Pois, com os mercados financeiros despencando, consegue-se de repente conteúdo para uma versão forjada dos fatos: não é a ordem vigente que está obsoleta, se outras bolhas financeiras estão estourando e a economia mundial de mercado porventura está entrando em colapso. O "choque externo" do ataque terrorista, sim, é que teria sido a causa disso - segundo Wim Duisenberg, presidente do Banco Central Europeu. O fracasso do sistema é redefinido pela maldade externa dos outros, "infiéis", mas com ela é irreversível.

Ao mesmo tempo, espalha-se uma onda de propaganda de guerra igualmente histérica e sentimentalóide, como se estivéssemos vivendo o agosto de 1914. Por toda parte estão se apresentando voluntários aos montes, em meio ao crash sobem as ações da indústria de armas, quase já se começa a desejar uma situação de cruzada. Mas grupos clandestinos de homens armados de facas e lâminas de cortar tapete não desafiam a mobilização das massas e o agrupamento de todas as forças sociais. O terror não representa nenhum império opositor externo, com status de Estado e economia de guerra. Ele é a própria nêmesis interior do capital globalizado. Por isso não pode provocar um novo boom armamentista.

Também no âmbito militar a cruzada vai dar em nada. Aconteçam possíveis ataques de retaliação por parte dos EUA a dez quilômetros de altitude, como infelizmente é de costume, dizimando uma população civil qualquer, ou saiam tropas terrestres, mesmo sofrendo muitas baixas, vagando por distantes regiões montanhosas, como o Exército da União Soviética teve de experimentar no Afeganistão, uma coisa é certa: dessa pseudoguerra movida contra os demônios da crise mundial que o próprio capitalismo apresentou não sairá fonte de alimento de que o capitalismo possa se amamentar para sobreviver.

Também se ouvem vozes razoáveis, de bombeiros em Nova York a jornalistas e políticos isolados, que pelo menos dizem que uma guerra é absolutamente sem sentido. Mas essa razão ameaça permanecer desamparada e ser arrastada pela onda de irracionalidade se não proceder a uma análise das circunstâncias da crise. Para realmente afastar o terror do terreno que lhe é fértil, só há um caminho: a crítica emancipatória ao totalitarismo global da economia.

Robert Kurz é sociólogo e ensaísta alemão, autor de "O Colapso da Modernização" (ed. Paz e Terra) e "Os Últimos Combates" (ed. Vozes). Ele escreve mensalmente na seção "Autores", do *Mais!*.
Tradução de **Marcelo Rondinelli**. Folha de São Paulo, 30 de setembro de 2001.

EXPEDIENTE DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO

Altemir Antonio Tortelli
Secretário Nacional de Formação

Elisangela Araujo e Wanderley Bezerra
Secretários Adjuntos

Martinho da Conceição
Coordenador Executivo Geral

Assessorias Específicas
Débora Matte e Tais Lambert
Coordenação do Depto. de Comunicação

Josias Lech
Relações Institucionais
Eduardo Armond
Consultoria de Projetos Institucionais

Volmir de Almeida
Consultoria Contábil
Francisco Calheiros
Consultoria Jurídica

Equipe Metodológica

Sandra R.O. Garcia, Maristela M. Bárbara, Lenir Viscovini, Rosana M. Fahl
Núcleo de Educação do Trabalhador - NET

Arquimedes Felício Lazzeri e João Carlos Nogueira
Núcleo de Desenvolvimento Metodológica - NUDEM

Paula Bernardo, Paulo Brancher, Egeu K. Furtado, Gilberto Barbosa, Fernando Franzoi
Núcleo Sindicato, Estado e Sociedade - NUSES

Marta Domingues
Avaliação Externa e Acompanhamento de Egressos

Equipe de Supervisão Operacional Físico-Financeiro - SOFF

Dirceu Fumagalli e Geraldo Aparecido da Silva
Coordenadores

**Sônia Calil Elias, Vera Lúcia O Novaes, Sandra R. M. de Moraes, Maria José Dias Menezes,
David R. da Silveira, Ricardo P. Gomes, Edinalva V. do Carmo, Bárbara Vieira**
Setor Logístico

**Edilmo Oliveira Lima, Frederico Drummond, Solange Ap. M. Espanhol, Marcia Cristine
Osterlein**
Setor Físico-Financeiro: Financeiro

Roberto Timóteo, Sandro Luiz Cardozo, Rosemeyre M. de Oliveira
Físico (SIGAE)

Rosângela Maria de Souza
Setor Administrativo do Integração